

Percursos da ira na psicopatologia infantojuvenil

Paths of wrath in child and adolescent psychopathology

Paulo Germano Marmorato¹

Resumo

A ira e suas variações são reconhecidas desde a antiguidade clássica como determinantes nos atos humanos. Como emoção fundamental que se manifesta precocemente no desenvolvimento humano, a ira adquire os contornos mais variados na mente humana, conforme se estende no espaço e dura no tempo. Este artigo discute como a ira, em suas variadas formas, pode influenciar a ocorrência de psicopatologia na infância e adolescência.

Palavras-chave: Raiva; Emoções; Desenvolvimento; Psicopatologia; Infância

Abstract

Wrath and its variations are since the classic antiquity recognized as decisive factors in human deeds. As an essential emotion that might be expressed early in the human development, wrath unfolds itself in countless ways in the mind as it extends in space and lasts in time. This article discusses how it can influence the emergence of psychopathology in children and adolescents.

Keywords: Anger; Emotions; Development; Psychopathology; Childhood

¹ Sociedade Brasileira de Psicopatologia Fenômeno-Estrutural, São Paulo (SP), Brasil.

Recebido em: 29/2/2016

Aceito em: 19/4/2016

*A ira, Deusa, celebra do Peleio Aquiles,
O irado desvario, que aos Aqueus tantas penas
Trouxe, e incontáveis almas arrojou no Hades
De valentes, de heróis, espólio para os cães,
Pasto de aves rapaces: fez-se a lei de Zeus;
Desde que por primeiro a discórdia apartou
O Atreide, chefe de homens, e o divino Aquiles.*

Ilíada. Homero (Tradução de Haroldo de Campos, 2010).

Introdução

É bastante significativo que a Ilíada inicie com a invocação ao canto da ira de Aquiles. Na obra homérica que marca o início da civilização grega, considerada o poema mais antigo da literatura ocidental, a ira aparece como o agente determinante das ações de Aquiles, seu protagonista. São diversos os episódios relatados em que, tomado pela ira, Aquiles realiza reviravoltas determinantes no curso da guerra entre gregos e troianos, ocorrida no século XIII A.C.

No início da epopéia, sabemos que o comandante do exército grego, Agamenon, rouba a bela escrava Briseida que Aquiles havia adquirido como “presente de guerra”. Num acesso de cólera voltada ao seu interior, Aquiles retira-se para sua tenda e recusa-se a permanecer na guerra, com péssimas conseqüências para os próprios gregos, já que Aquiles é seu melhor guerreiro. Tempos depois, ao saber que Pátroclo, jovem guerreiro que em seu lugar lutava contra os troianos, portando de Aquiles sua armadura, havia sido morto por Heitor, príncipe troiano, o herói é tomado por uma crise de fúria que o tira do recolhimento e o projeta novamente ao *front*. Dotado deste novo impulso, Aquiles realiza a façanha de aniquilar 23 povoações e conduz os gregos ao triunfo final sobre o inimigo.

A ira é a força motriz, a emoção marcante que determina as atitudes do protagonista. Ao seguir a Ilíada, notamos que seu universo é tecido a partir dos feitos da ira e também dos sofrimentos por ela impostos. Em outras palavras, na Ilíada, a ira não é mera contingência a interferir acidentalmente no percurso da humanidade, mas elemento indispensável para a compreensão do que é próprio do humano, de suas conquistas e destruições.

Os rompantes coléricos de Aquiles, no entanto, não são apresentados como característica estrutural de seu temperamento. A psicologia poética e filosófica dos helenos ensinava que sua ira pertencia, na verdade, ao grupo das energias invasivas, consideradas como graças divinas provenientes do mundo superior (Sloterdijk, 2012).

Outro aspecto relevante é que, não obstante louvarem a ira como força propulsora de Aquiles e seus feitos heróicos, os cantos não se furtam a também discorrer sobre suas conseqüências funestas. Força de ação e destruição, motivo de canto e de lamento, fonte de afirmação da força dos gregos e da ruptura a suas normas, a ira é problematizada em diversas de suas facetas por Homero. Assim, tomado pela ira, Aquiles incorre em isolamento e se recusa em participar dos rituais da comensalidade (Vernant, 1998). Mais grave ainda, após o combate final com Heitor, Aquiles não se dá por satisfeito em matá-lo, mas arrasta o cadáver por uma biga em torno das muralhas de Tróia, deixando-o exposto ao sol e aos animais, por 12 dias. É uma afronta impensável, desrespeitando a ética dos rituais fúnebres dos vencidos em combate.

De fato, os aspectos danosos da ira passam a ser mais repudiados à medida que a *pólis* adquire proeminência na organização social e os feitos guerreiros tornam-se secundários, exceto, obviamente, nos tempos de guerra. Segundo o historiador Veggetti:

o que se recusa, em primeiro lugar, é o caráter violento, o aspecto cruel e homicida que se considera como elemento essencial da politização da vida. A cidade surge, sobretudo, ligada à exclusão e à opressão de grupos sociais inteiros, à guerra entre diferentes comunidades, ao assassinio que lhe está inevitavelmente associado. Em suma, a cidade está indissolúvelmente ligada à memória da violência heróica da *Ilíada*, que a marca mesmo na sua prática religiosa (Veggetti, 1994, p. 246).

Alguns séculos depois de Homero, Aristóteles pondera que “a ira é necessária e nada pode se impor sem ela, caso não preencha a alma e atice a coragem. No entanto, não devemos tomá-la, certamente, por um líder, mas apenas como um companheiro de combate” (Alexandre Junior, 2005). Para Aristóteles, a ira legítima ainda tem “um ouvido para a razão”, ainda que se abata sobre nós como um servo precipitado, sem ouvir sua tarefa até o final. É conhecido, aliás, o episódio em que Sócrates diz a seu escravo: “Eu te surraria se não estivesse irado”.

É interessante notar que, mesmo antes da ascensão da *pólis*, na obra atribuída a Homero que segue a *Ilíada* - a *Odisseia* - a característica mental marcante do seu protagonista, Ulisses, não é mais a ira, mas passa a ser a astúcia. No longo retorno ao lar, torna-se decisiva uma forma sutil de razão, possivelmente precursora do *logos* desenvolvido a partir de Sócrates, quatro séculos depois Homero.

Sob impacto do estoicismo romano e do cristianismo, a ira, como *pathos*, deixará de ser vista como força natural e passa a ser considerada um vício. Os estoicos afirmam o poder natural da razão para dominar e suprimir a paixão.

O fato da ira e suas atribuições serem tão presentes na vida não impede que o cristianismo a transforme em um tabu alguns séculos depois. Assim, a ira tornou-se um dos sete pecados capitais. A doutrina cristã condena a ira, de modo que pessoas comumente sentem-se culpadas ao se depararem com este sentimento. Em grau mais intenso, tal sentimento pode ser tão inaceitável, a ponto que a ameaça de sua irrupção acarreta somatização ou dissociação psíquica. É comum nos depararmos com pacientes que com grande pesar admitem, pesarosos, que sentiram raiva em determinada situação. A ira passou a ser motivo de culpa para pessoas que foram educadas com a mensagem de que é um sentimento “que não se deve sentir”.

Este breve percurso histórico procurou ilustrar como o entendimento e a valorização da ira têm sido diversos ao longo do tempo. No mundo contemporâneo, dominado pela multifacetada configuração pós-moderna, não existe uma concepção preponderante da ira. De certa forma, os modos relatados anteriormente (a ira louvada na guerra, a ira ponderada na filosofia, a ira condenada na igreja), assim como novos modos de vivenciá-la (nos estádios, nos laboratórios científicos, nos lares) ocorrem igualmente, sem que haja uma forma única de enxergá-la. Buscaremos, a seguir, uma abordagem fenomenológica com o intuito de nos aproximarmos de alguns desses modos de sua manifestação. A partir daí, estenderemos nosso olhar para sua ocorrência na clínica psiquiátrica e postularemos o papel que ela exerce em alguns quadros patológicos.

Fenomenologia

Nos tempos atuais, observamos que a sinonímia dos termos referentes a ira é bastante vasta. A profusão de palavras relacionadas – raiva, cólera, ódio, fúria, rancor, abominação, desprezo, ressentimento, nojo etc. – reflete a diversidade de apresentações, nuances e variações sobre este tema na vida humana, que as línguas têm registrado ao

longo de muitos séculos. No entanto, as definições disponíveis na literatura geral, e mesmo na especializada, são frequentemente imprecisas, contraditórias, quando não tautológicas. Mesmo as próprias categorias mentais às quais estes termos se referem – humor, afeto, emoção, sentimento, paixão – também não encontram conceituações consensuais. Ainda assim, faremos uma tentativa de distinção minimamente coerente, ao indicar algumas das manifestações mais significativas da ira, relacionando-as a termos já consagrados para denominá-las. Embora não tenhamos a pretensão de realizar um inventário exaustivo sobre o tema, acreditamos ser possível traçar uma linha coerente através de alguns modos de manifestações e experiências psíquicas do amplo conjunto de fenômenos que denominamos, mais genericamente, de ira. É importante mencionar que, no mais das vezes, as palavras unitárias não bastarão e será uma descrição fenomenológica que nos aproximará de modo mais isento do fenômeno em questão, precedente a qualquer denominação e que transcende, em muito, as definições de uma palavra. No intuito de estabelecer alguma clareza conceitual, utilizaremos a palavra ira de modo genérico, a significar o conjunto maior, e outras palavras para aspectos mais específicos.

Se iniciamos nossa exposição pela ira, tal como a tradição clássica nos transmitiu, partiremos de uma palavra mais usual em nossa linguagem cotidiana: a raiva. A princípio, a ideia de raiva dispensa apresentações. Trata-se de um fenômeno praticamente universal no âmbito humano. Uma criança de 5 anos sabe a que nos referimos quando dizemos “raiva”. Levando-se em conta a precocidade da experiência dessa emoção, partiremos de um exemplo bastante simples para desenvolver o tema.

Ana, 5 anos de idade, tem uma boneca. Sua amiga Maria, com quem está brincando, decide tomar-lhe subitamente o brinquedo sem pedir. Ana é tomada por uma forte emoção: fica corada, intensifica sua respiração, cerra os dentes, franze o sobrolho e, num ímpeto, avança em direção a Maria, dá-lhe um forte tapa no braço e agarra de volta sua boneca dizendo: É minha! Maria irrompe em choro, mas ainda em prantos, contra-ataca a amiga e lhe puxa o cabelo ao gritar: Idiota!

Ao questionarmos Ana sobre o porquê daquela ação, ela nos diz: Ela pegou minha boneca!

- Mas qual o problema nisso? – questionamos.

- A boneca é minha!

A partir de uma ação alheia, Ana sente que algo ruim, errado aconteceu. Algo que lhe pertencia foi tomado. Ela sente-se pessoalmente prejudicada. Então, uma força

interna infla-se dentro dela, impulsionando-a a recuperar algo que sente ser de seu direito. Força tamanha, que se expressa, aliás, violentamente. Maria, por sua vez, experimenta, por outra via, algo semelhante. Foi subitamente atacada, seu corpo agredido, a dor como sinal inequívoco de lesão pessoal. De início, expressa essa dor através do choro. No entanto, também demonstra raiva ao retaliar duplamente a amiga, física e moralmente.

Numa definição simples, podemos conceituar a raiva como uma intensa emoção suscitada por um dano infligido, por uma injúria ou por uma expectativa frustrada. A conceituação aristotélica de *pathos* será útil para darmos alguns passos adiante: “Toda afeição da alma, acompanhada pelo prazer ou pela dor, sendo o prazer e a dor a percepção do valor que o fato ou a situação a que se refere a afeição tem para a vida ou as necessidades do animal” (Pessanha, 1991). Como emoção, a raiva é uma reação imediata, carregada de uma ideia de valor, neste caso negativo, ao indicar uma situação desfavorável ou um sofrimento. Esta valorização negativa tende a colocar o sujeito tomado de emoção em estado de alerta e dispô-lo a enfrentar a situação com os meios que possui.

Esta “afeição da alma” aristotélica é também o que denominamos de afeto, algo que nos toca e causa um efeito, uma emoção. Este afeto desperta a consciência, torna-a focada, absorva pelo objeto que a estimula. São emoções vivenciadas como uma insuflação, uma excitação involuntária. Sou afetado, emocionado e movido numa direção específica. A ira possui, assim, direcionalidade e intencionalidade.

A intensidade emocional da raiva implica um estreitamento do campo de consciência, no sentido de que outros conteúdos são deixados de lado e o direcionamento ao objeto da raiva é quase total. Ocorre uma animação do espírito, um despertar e uma estimulação ao combate, ao confronto. A ira invoca energia interna, que é manifesta por reações corporais características, as quais, por sua vez, evocam ações. Estas ações, por conta de sua intensidade e rapidez de irrupção, com frequência ocorrem na forma de explosão, de crise ou ataque. Aqui poderíamos utilizar o termo fúria para designar a manifestação da ira que ocorre na forma de arrebatamento, exaltação de ânimo que se manifesta por ações violentas, em contraste com modos em que a ira não toma conta total da consciência e das ações.

Do ponto de vista espacial, a raiva atua como uma força que impele o sujeito para fora de si, ou seja, como força centrífuga, força de uma energia interna, que se dissipa externamente através de expressões, tais como um gesto facial, um grito, um

murro. Desse modo o espaço é mais amplamente preenchido, seja pelo alcance de um grito, pelo gesto ofensivo, pela agressão que atinge o corpo alheio. Dito de outra forma, a raiva, como força cinética, tende a ocupar espaços, sejam eles sonoros, por meio de movimentos ou da invasão do território alheio e, nestes espaços, ela comunica uma mensagem, intimida um opositor, fere um inimigo.

Kövecses reuniu uma série de metáforas relacionadas à raiva, cuja imagem mais representativa encontrada em diferentes culturas é a de “um fluido quente pressurizado num dispositivo fechado” (Kövecses, 2000), o que associamos, aqui, a uma panela de pressão. Como indicam Stanghelini e Rosfort (2013), a metáfora do fluido quente pressurizado possui o mérito de capturar uma série de aspectos e propriedades da raiva. Ela nos permite visualizar seu caráter de intensidade (pela quantidade de maior ou menor pressão com que está preenchida), controle (a que o continente submete o fluido), perda de controle (com a possibilidade de ruptura do continente e extravasamento do fluido sob pressão) e perigo (pois o extravasamento do fluido sob pressão pode ferir). De certo modo, esta metáfora corresponde a aspectos corpóreos da vivência da raiva, uma vez que, sob esta emoção - que ativa o sistema autonômico simpático - ocorre elevação da pressão sanguínea e vasodilatação periférica, que conferem rubor e sensação de calor. A panela de pressão, porém, oferece o mecanismo de segurança da válvula de escape. Por meio dela, o vapor quente e pressurizado pode sair de maneira controlada, segura e ainda fazer notar aos passantes sua condição de perigo, através de seu apito.

Humor e emoção

No intuito de nos movermos em torno da raiva e assim apreendê-la por outro ponto de vista, deixaremos a dimensão das emoções, na qual localizamos a alegria, o medo, o pesar e a raiva. Passamos para a dimensão do humor, na qual encontramos a euforia, a ansiedade, a tristeza e a disforia, seus respectivos congêneres humorais. A diferenciação entre humor e afeto proposta por Smith (1986) nos ajudará a dar alguns passos adiante em nossa análise. Nesta diferenciação, a disforia (cuja característica mais notória é a irritabilidade) é uma forma de humor e a raiva uma forma de emoção. Ambas compartilham o aspecto de *pathos* concebida por Aristóteles, ou seja, uma afeição (afeto) da alma, acompanhada de desprazer e valorizada negativamente. No entanto, como afeto, a raiva é focada (está direcionada ao causador), intencional e motivada (a mente percebe-se direcionada a ela por vontade própria). Já a irritabilidade,

é difusa e desfocada (já que não apresenta um causador em particular), possui intencionalidade ausente ou encoberta e é não motivada (pois não se percebe voluntariamente envolvida). Do ponto de vista espacial, a raiva ocupa todo o campo atencional, no qual o sujeito é completamente absorvido pelo fenômeno que o enraivece, enquanto a irritabilidade se abre numa consciência horizontal ampla, no sentido de preencher o mundo como um todo sem focar em um objeto ou situação em particular. Do ponto de vista temporal, a raiva é vivida de forma mais instantânea e breve, com altos e baixos de maior intensidade, em contraste com a irritabilidade, que se manifesta de forma mais prolongada como emoção duradoura e sustentada.

Interpessoalidade

A vivência de causalidade alheia percebida na ira ressalta sua natureza de relação dual, em que a interpessoalidade está em jogo (Messas, 2004). É sempre um outro sujeito, um agente externo que provoca a raiva de alguém. Além disso, pressupõe-se que este outro agiu por vontade própria (ou foi negligente, e assim, corresponsável) no ato que lesou aquele que passou a se sentir, então, agredido. Mesmo se considerarmos situações de exceção, em que se alega o sentimento de raiva de si mesmo, podemos argumentar que ocorre, neste caso, um desdobramento, uma cisão de si em um eu-sujeito lesado e um eu-objeto frustrante.

A idéia do caráter universal da raiva como eminentemente relacional é reforçada pela análise do ideograma chinês para o substantivo raiva, criado há cerca de quatro mil anos no extremo oriente:

怒

Tal ideograma, denominado *nu*, é composto pela combinação de três radicais: na parte superior esquerda, *mulher*, que, por extensão, significa servo ou escravo; na superior direita, *golpe*, no sentido de bater/açoitar e *coração* na parte inferior, também abrangendo espírito e mente. As fontes etimológicas disponíveis (Wieger, 1965) não deixam claro quem é sujeito e quem é objeto da ira, se o senhor golpeia o servo por estar enfurecido com ele ou se esse é o estado de espírito do servo por ter sido agredido e inferiorizado, no sentido que Nietzsche (2004) indicou na obra *Genealogia da Moral*. De qualquer modo, esta ambiguidade torna o tal ideograma mais rico por possibilitar a interpretação biunívoca de seu significado. Como bem observou Gerard Lebrun (1997),

a ira, como paixão “[...] é então o sinal de que eu vivo na dependência permanente do Outro”.

A interpessoalidade confere maior complexidade, pois acrescenta à ira o aspecto humano, que vai além da fúria animal. Neste enfoque, entram em jogo juízos de fatos e valores mais amplos. O sentido de justiça passa a ser um mediador para a deflagração da ira porque, no humano, se uma lesão física ou moral é interpretada como punição justa, esta lesão não incita a ira do sujeito agredido. Por outro lado, um ato que não se configura como uma agressão, mas que é percebido como injusto, desperta a ira, como na partilha desigual de um bem ou uma ludibriação. Daí a estreita ligação da ira com o sentimento de indignação, o que lhe confere dimensão ética. Além disso, na esfera humana, a ira é também despertada quando a ação alheia é percebida não apenas como injusta, mas como depreciadora da posição, do status, da moral em um grupo, o que lhe confere uma dimensão social.

No que diz respeito à dimensão da temporalidade, um notável aspecto da ira é seu amplo arco de duração ao longo do tempo. Ainda que a ira se manifeste, tipicamente, através de súbitas descargas, de intensas irrupções, explosões e ataques, que denotam a grande quantidade de energia que irrompe de forma súbita e descontrolada de seu continente - como mencionado a respeito da raiva e da fúria -, pode perdurar no tempo de acordo com seus estímulos causadores e com as características do sujeito irado. Assim, circunstâncias de maior proporção geram iras que perduram dias, meses ou anos, quando os fatores envolvidos não encontram resolução ou expressão satisfatória. Desta forma, um longo período da vida psíquica de uma pessoa pode ser consumido em torno da influência maior desse afeto. O ódio pode perdurar uma vida inteira e até mesmo alcançar a temporalidade transgeracional, como conflitos familiares ou bélicos entre povos ou nações.

Aaron Bem-Zeév faz uma interessante distinção entre raiva e ódio. Segundo Bem-Zeév (2000) enquanto na raiva ocorre uma avaliação negativa em relação a uma ação específica, no ódio, essa avaliação acontece ao envolver a consideração de uma posição global - e não específica como ocorre na raiva, voltada, assim, a alguém que se considera possuir traços maldosos e repugnantes fundamentais. O ódio requer a avaliação de que o objeto possui traços perigosos inerentes, condição que pode ser bem compreendida na colocação de Elster: “Porque eles fazem coisas más eles são maus; Porque eles são maus eles fazem coisas más” (Elster, 1999).

A natureza mais pessoal da raiva torna-a mais próxima de uma típica emoção do que o ódio. O ódio, frequentemente, torna-se uma emoção em longo prazo e pode ser cultivado sem a presença do objeto odiado, adquirindo caráter mais abstrato. Por isso, normalmente não se atribui o ato de odiar aos animais. Na raiva, queremos que a pessoa sofra como uma medida corretiva. No ódio, como o problema é inerente ao indivíduo odiado, deseja-se que ele deixe de existir.

A teoria dos afetos de Espinosa também nos oferece um valioso ponto de vista sobre a ira (Gleizer, 2005). Nela, um afeto é uma afecção que faz variar positiva ou negativamente a potência de agir. A variação positiva da potência de agir, ou seja, sua passagem a uma maior perfeição ou força de existir, constitui a alegria, enquanto sua variação negativa, isto é, sua passagem a uma menor perfeição ou força de existir, constitui a tristeza. A diminuição de nossa potência, como já sabemos, é a tristeza. Assim, a tristeza acompanhada da ideia de uma causa exterior ao sujeito que a experimenta (e por isso imaginária) configurará o seu derivado, que chamamos de ódio: “[...] uma tristeza que a ideia de uma causa exterior acompanha” (Espinosa, 1983). Em outras palavras, odiar é entristecer-se por sentir sua potência diminuída e atribuir isso a um agente externo. Assim, mesmo que o ódio seja uma das emoções mais violentas e agitadas que experimentamos, porque é paixão nascida da tristeza, é também um afeto enfraquecedor do *conatus*, isto é, do desejo impulsionador da vida.

Mil e seiscentos anos antes, o estoico Sêneca parecia já compartilhar deste ponto de vista de Espinosa, quando afirmou ser a iracúndia “própria de uma alma prostrada e infeliz, consciente de sua fraqueza, de sofrer constante dor, como os corpos ulcerados e enfermos que gemem ao mais leve toque” (Sêneca, 2014). E mais adiante: “no íntimo sua alma está apavorada”.

Emblemático desse processo é o capitão Ahab, personagem de *Moby Dick*, livro escrito por Herman Melville em 1851. Tendo sua perna arrancada por um imenso cachalote branco, empreende o restante de sua vida em função da vingança pela lesão causada. O que seria uma raiva natural torna-se ódio, passando a baleia a ser antropomorfizada e a personificar o mal em si. Em uma investida doentia, Ahab leva toda a tripulação do Pequod a empreender uma longa perseguição à odiada baleia. No derradeiro dia do cerco a *Moby Dick*, o imediato Starbuck tenta, em vão, demover o capitão de seu ódio: “Oh Ahab! Não é tarde demais, mesmo agora, no terceiro dia, para desistir. Vê! *Moby Dick* não te procura. És tu, na tua loucura, és tu, que o procuras!” (Melville, 2008).

Desenvolvimento

Manifestações de raiva são reconhecíveis em crianças a partir dos 7 meses de idade, por observadores externos (Holodynski & Oerter, 2002), havendo indicadores de padrões específicos dessas manifestações no choro, quando o bebê força excesso de ar através das cordas vocálicas (Wolff, 1969). Observa-se que, à medida que uma criança se desenvolve, a raiva ganha mais possibilidades de expressão, sejam elas corporais, verbais ou simbólicas.

As típicas crises de birra, que ocorrem mais frequentemente entre 1 e 3 anos de idade, são consideradas partes do desenvolvimento normal de uma criança, perante frustrações que o ambiente lhe impõe. Apesar de sua “normalidade”, são certamente das mais intensas formas de se vivenciar a ira ao longo da vida. Essas crises são especialmente ilustrativas da intensidade que a ira pode alcançar, já que a criança fica totalmente subjugada por uma emoção incontrolável, mostrando, de forma condensada, a dimensão avassaladora que a ira pode tomar. Geralmente causada por uma frustração, ela se exterioriza por uma escalada de comportamentos desorganizados que envolvem choro intenso, gritos, bater de pés, jogar-se no chão, agressão física a outros e a si mesma. A criança fica tomada pela emoção irresistível de sua própria raiva. Ganha dramaticidade maior à medida que experimenta aquela situação como insuportável. Fica desorientada, terrificada pelos violentos sentimentos que não pode controlar, como se seu corpo não desse conta do que está sentindo. Tudo o que está ao seu alcance pode ser chutado, destruído ou quebrado. A criança luta contra tudo o que vem pela frente, de modo que o todo o que a circunda torna-se um inimigo insuportável. Atira-se no chão, chuta, se contorce e grita, como se estivesse lutando com demônios. Grita até ficar rouca, reage de forma que acaba por induzir o vômito. Pode até ficar cianótica, porque expirou tanto que não consegue inspirar novamente. Episódios de interrupção voluntária da respiração são alarmantes, pois a criança pode ficar longo tempo sem respirar, a ponto de, além de ficar cianótica, quase perder a consciência, até que os reflexos de vida do seu corpo forçarão o ar de volta aos seus pulmões (Leach, 2015). Intervenções externas frequentemente são inúteis e, muitas vezes, tais episódios só têm fim após a total exaustão da criança. Retomando a ideia de interessoalidade, estes episódios de intensa ira infantil podem se tornar poderosos meios de interação da criança com sua família, assumindo, na maioria das vezes, caráter bastante disfuncional.

Psicopatologia

Retomaremos, mais uma vez, o gênio grego através da palavra *pathos*, rica em significados que nos auxiliam no entendimento da ira em sua dimensão patológica. É bem conhecida a origem de *pathos*, étimo do qual derivam nossas palavras paixão, passivo e do antepositivo pato- (como designativo de doença). Pelo seu caráter passional, a ira é, a um tempo, uma violenta força afetiva que organiza e orienta toda a emotividade em uma disposição de pleno vigor, em prol da segurança e dos interesses de seu portador, mas, por outro lado, capaz de dominar completamente a conduta humana e afastá-la da desejável capacidade de autonomia e escolha racional. Esta contrapartida enfatiza o caráter de passividade do sujeito que é levado à renúncia do domínio sobre si mesmo. Ficamos, então, diante de uma manifestação natural do humano, que não denota, por si só, nenhuma psicopatologia. É nas relações da ira com o organismo, o psiquismo e o mundo de seu sujeito em sua totalidade, que se pode inferir sua participação em um processo patológico. Em certo polo, podemos citar as crises de fúria que ocorrem na ausência de um elemento provocador, fora de contexto compreensível, que podem acontecer em casos de auras de epilepsias dos lobos temporais. Por outro lado, verifica-se que a dificuldade de vivenciar a ira pode indicar uma característica patológica, no sentido de privar o sujeito de valer-se de uma emoção que impulsiona a defesa e a autoafirmação de modo instintivo, deixando-o à mercê do medo ou da apatia. Desse modo, uma maneira de inferir patologia ainda será através dos clássicos, porém incertos e frágeis preceitos de equilíbrio e adequação, em seu contexto geral.

A título de ilustração, serão expostos dois recortes de casos clínicos em cujas configurações acreditamos que, através de percursos particulares, a ira tem papel central no desenvolvimento psicopatológico dos sujeitos. Cabe notar que, em vista da sua limitada extensão, tais relatos têm intuito ilustrativo, não se pretendendo, com eles, discussões mais aprofundadas.

Caso 1

André, um menino de 9 anos, é levado para avaliação a pedido da escola, pois se envolve constantemente em brigas com colegas. Irrita-se com facilidade, interpreta pequenas manifestações alheias como ofensas e utiliza-se, frequentemente, de sua forte constituição física e de xingamentos para se impor. No quarto ano escolar, apresenta dificuldades no aprendizado e não obedece a determinações da professora. O

encaminhamento foi precipitado por uma crise de raiva numa situação em sala de aula, em que fizeram uma brincadeira com seu nome e André agrediu um colega, derrubou um armário no chão, saiu correndo da sala e tentou fugir da escola. A mãe relata que ele “sempre foi uma criança mal-humorada” e preocupa-se com seu fascínio por armas e videogames de luta. Nas entrevistas clínicas, André não demonstra interesse em colaborar com uma conversa e limita-se a dar respostas curtas às indagações: “já falei tudo!”, repete diversas vezes. Engaja-se em uma interação apenas quando é proposto um jogo com bola, exibindo forte espírito competitivo.

O mundo vivido por André mostra-se hostil e potencialmente perigoso. O humor disfórico proporciona um pano de fundo de desagrado e irritação constantes. Ele se enraivece facilmente em disputas ou quando suas vontades não são correspondidas, tendo encontrado uma forma de vazão até certo ponto eficiente, já que através da ira e seus desdobramentos encontra caminhos para a autoafirmação. O direcionamento predominante da ira como forma de expressão, no entanto, especialmente quando precoce, faz com que a criança em formação construa modos limitados de atuação e percepção do mundo. Existe aí uma construção, já que sua postura raivosa tende a suscitar respostas alheias agressivas e assim por diante, em um círculo vicioso. Fica predisposta a viver uma temporalidade em que a vigília do instante a vir e o modo de resposta imediata estejam quase sempre acionados, em detrimento de uma disposição em que a observação desinteressada, contemplativa e tranquila possa ser espontaneamente exercitada. A interpessoalidade estabelece-se precariamente, pois a desconfiança de um controle externo o assombra. Difícil dar espaço para outras emoções (como tristeza, por exemplo) que exporiam sua fragilidade. Neste caso, observamos o desenvolvimento de comportamentos reiteradamente agressivos e hostis, com resolução de conflitos através de medidas heroicas, do ponto de vista pessoal. O desafio a autoridades, o enfrentamento de adversários, a predisposição à batalha, o destemor desmedido: percebemos nesses jovens, que a questão de sua honra e de sua reputação está frequentemente relacionada aos seus atos colérico-agressivos, quando a ira se manifesta em sua dimensão social, já que o valor de honra e de valor próprio estão em questão. A ira exercida por meio de agressões, dada sua capacidade poderosa de se fazer notar, de transmitir intenções, de comunicar sentimentos e desgostos, torna-se uma via privilegiada de atuação. Caso esta atuação seja efetiva, obtendo seus intuitos, outras vias alternativas de atuação serão menos exploradas.

Peter Sloterdijk (2012), em seu livro “Ira e tempo”, recupera a valorização grega da ira como energia motriz da psique. A partir do *thymós*, termo que se referia ao “órgão” presente no peito dos heróis e dos homens, partiam grandes exaltações. O *thymós* designava o foco emocional do “si próprio” orgulhoso, assim como o sentido receptivo, por meio do qual os apelos dos deuses se manifestavam para os mortais. Nele se localizava a “ira justa” e útil e, enquanto tal, seria responsável pela defesa em relação às ofensas. O *thymós* era a fonte da energia vital de autoafirmação, dos sentimentos de dignidade e honra, de coragem e desejo de justiça.

A despeito da obsolescência de *thymós* como um órgão distinto que, de qualquer forma, encontra correspondência localizacionista no estudo de estruturas cerebrais mais intimamente ligadas à regulação das emoções, como o sistema límbico - acreditamos na força conceitual que ele encerra para reunir a ideia de força vital animadora, doadora de espírito, desejosa de reconhecimento. Vale notar que *thymós* é a palavra grega habitualmente utilizada pela psicopatologia para denominar estados de espírito, ou humor, como eutimia, distimia e catatimia. Assim, em uma pessoa com atimia estaria ausente a energia para a autoafirmação. Em outras palavras, a pessoa estaria apática, desprovida de paixões mobilizadoras, como a ira, por exemplo. Sobre alguém num episódio de fúria, pode-se dizer que está hipertímico, ou seja, com as forças anímicas aguçadas e fortemente mobilizadas. Seria o caso de uma hipertimia disfórica, pois esta mobilização interna ocorre diante da percepção de uma diminuição de sua potência e, por isso, com uma tristeza de fundo, se quisermos retomar a formulação de Espinoza. A hipertimia disfórica contrapõe-se à hipertimia eufórica, pois nesta última a mobilização energética ocorre na percepção da consonância com anseios do eu, em que este sente a ampliação de sua potência e, por isso, a alegria dá o tom afetivo.

Do ponto de vista clínico, é importante considerar a ocorrência da ira como pano de fundo dos quadros marcados por atuações agressivas, atualmente diagnosticados como transtornos de conduta. Acreditamos que a presença da ira na infância e seu possível percurso no sentido de alimentar a patologia são considerações que devem ser ressaltadas na clínica psiquiátrica infantil. Neste sentido, a alta prevalência de diagnósticos da linha de transtornos de conduta, em diversas culturas, reforça sua presença em manifestações patológicas, dada a ubiquidade da ira como modo humano e precoce de autoafirmação.

Caso 2

Os avós de Aline, adolescente de 16 anos de idade, levam-na para avaliação, devido a sua recusa em frequentar as aulas há duas semanas. Eles contam que ela vive com eles e o pai, pois a mãe faleceu num acidente, quando ela tinha 6 anos. Habitualmente tímida, vinha apresentando maior isolamento social nos últimos cinco meses e manifestava incômodo por estar acima do peso desejado. Havia grande preocupação dos avós devido ao interesse da jovem por ocultismo e magia negra, práticas condenadas pelos preceitos religiosos familiares, o que vinha causando brigas em casa. A princípio desconfiada, Aline aos poucos se mostra mais aberta ao contato ao longo entrevista clínica. Relata desentendimentos e grandes decepções com amigos nos últimos tempos e que não se sente apta a reagir - na verdade, não sabe como. Revela que algumas vezes se cortou nas coxas e nos antebraços em momentos de muita tristeza. Confidencia também que, uma vez, chegou a maltratar muito um pequeno animal e, ao ser questionada a respeito, procura dizer de forma fria: “foi o que fizeram comigo...” Ao fim da conversa, diz ser grata por ter podido se expressar, contar suas histórias.

Observamos um modo em que a experiência da ira não é explícita, não é claramente percebida e expressa. Em contraste com o caso 1, em que a ira é uma forma preferencial de expressão, aqui a ira é inibida. A jovem que experimenta a ira que não pode ser vivenciada explicitamente e que acaba por engolir sua raiva obstrui uma importante e vital forma de expressão. Se levarmos em conta o conceito de *thymós* acima exposto, uma força vital de valorização pessoal estará obliterada, com potenciais danos para sua estruturação pessoal em um período da vida em que a identidade está em primeiro plano, haja vista a preocupação de Aline com o peso e a busca por pertencimento a comunidades específicas. Sua atração pelo ocultismo a um só tempo revelam essa busca e uma forma literalmente oculta de entrar em contato com “energias” perigosas e condenáveis. Neste caso, quando não expressa no calor de sua irrupção, na ausência de um percurso de realização, a ira tende a esfriar-se e, estática, a transmutar-se em duas outras formas não discutidas até o momento: o rancor e o ressentimento. Percebendo-se impotente, “não se sentia apta a reagir” às decepções e agressões que vivia em seu círculo social, Aline torna-se ressentida e se aloja numa postura depressiva, de recusa à atividade, quiçá a espera da retratação dos seus malfeitores. A agressão retaliativa ocorre pelas lesões autoinfligidas e pela eleição de uma vítima simbólica, ainda que viva. Este último ocorrido traz à tona a figura da

vingança, faceta fria e pragmática da ira, deslocada para uma vítima simbólica (o pequeno animal).

Sem pretender adotar a causalidade etiológica dos humores para as variações temperamentais, podemos nos valer da concepção hipocrática-galênica dos humores para estabelecer correlações interessantes a respeito da relação da ira com os temperamentos colérico (André) e melancólico (Aline) e os cursos patológicos aqui expostos. Ao milenar diagrama humoral (Figura 1) acrescentamos dois eixos que indicam como algumas de suas forças podem se organizar. Assim, no eixo horizontal ocorre um nível crescente de energia e atividade em direção à direita. Os temperamentos melancólico e fleumático apresentam predisposição menor a atividades intensas e que demandam energia. Os temperamentos sanguíneo e colérico são naturalmente energéticos e ativos. No eixo vertical, à medida que se direciona para cima, ocorre um nível crescente de (bom) humor, de percepção positiva das vivências. Nessa posição, os temperamentos melancólico e colérico são mais mal-humorados, com vivências mais suscetíveis de pesar e desconforto e o entorno mais desagradável. Por outro lado, os temperamentos fleumático e sanguíneo são mais propensos a percepção mais favorável e otimista de suas experiências (Figura 1).

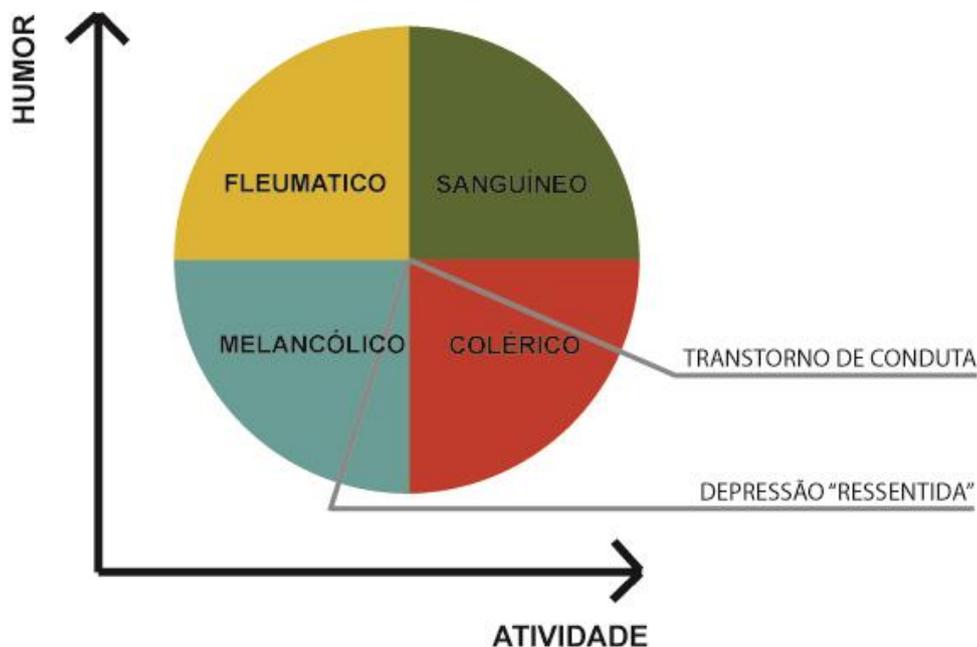


Figura 1. Humor e atividades nos humores hipocráticos

Podemos afirmar, a partir desse modelo, que o temperamento colérico vive num mundo desagradável e ameaçador em razão de seu mau (baixo) humor e tende a reagir facilmente devido ao seu (alto) ímpeto energético. Um curso desfavorável, no entanto, ocorre quando um sujeito com essa constituição encontra, por força de diversos outros fatores (familiares, culturais, sociais, cognitivos), um reforço de manifestações agressivas (por exemplo: valorização cultural do papel de valente, atitudes parentais violentas, humilhação social pelo seu insucesso escolar), assim como carência de alternativas para manifestar sua ira de modo não agressivo (por exemplo: ausência de modelos confiáveis, dificuldades linguísticas, repertório cultural pobre).

No caso 2, se quisermos usar a analogia humoral grega, diríamos que a bile (como fluido raivoso) deixa de ser expelida (expresso), perde seu calor (energia em potencial) resfriando-se até se tornar bile negra, agente de melancolia. Temos um temperamento de base melancólica, com mau humor e pouco ímpeto natural para ação. A ira, não podendo ser expressa (por pressões culturais, ou pelo desconhecimento de como fazê-lo de forma adequada), transforma-se em ressentimento e corrói seu portador impotente e desvitalizado, sob grande risco de imobilização que, como ira fria, acarreta.

Concluimos este artigo com uma observação do historiador Moses Finley (2002): na *Ilíada*, que canta a ira do jovem Aquiles:

“Homero não poderia encerrar a estória com a morte de Heitor nas mãos de Aquiles, porque isto nos deixaria com o Aquiles irascível, não com o Aquiles herói redimido. Aquiles ainda havia de expurgar sua ira. E ele fez isso ao abandonar a ideia de jogar o cadáver de Heitor aos cães e ao devolvê-lo a Príamo para os ritos apropriados. Então, a casa estava em ordem. Aquiles havia vingado sua honra por todos os lados e o havia realizado tanto honradamente quanto com total mostra de sua perícia” (p. 110).

Referências

- Ben-Zeév, A. (2000). *The subtlety of emotions*. Cambridge: MIT Press.
- Campos, H. (tradução) (2010). *Ilíada de Homero*. (4ª ed, Vol. 1). São Paulo, SP: Benvirá.
- Espinosa, B. (1983). *Ética*. São Paulo, SP: Abril.
- Elster, J. (1999). *Alchemies of the mind: rationality and the emotions*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Finley, M. I. (2002). *The world of Odysseus*. London: The Folio Society.
- Gleizer, M. A. (2005). *Espinosa e a afetividade humana*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Holodyski, M., & Oerter, R. (2002). Motivation, emotion und handlungsregulation. In Oerter & Montada, *Entwicklungspsychologie* (pp. 551-589). Weinheim: Beltz Verlage.
- Pessanha, J. A. M. (1991). *Ética a Nicômaco de Aristóteles*. São Paulo, SP: Nova Cultural.
- Alexandre Junior M., Alberto P. F., Pena A. N. (tradução) (2005). (2ª Edição). *Retórica de Aristóteles*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Kövecses, Z. (2000). The concept of anger: universal or cultural specific? *Psychopathology*, 33(4), 150-70.
- Leach P. (2015). *What is a tantrum?* Recuperado de: <http://www.babycentre.co.uk/a539867/what-is-a-tantrum#ixzz48vQpFtt1>
- Lebrun, G. (1997). O conceito de paixão. In Adauto Novaes (Org.) et al. *Os sentidos da paixão* (pp. 17-33). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Melville, H. (2008). *Moby Dick*. São Paulo, SP: Cosac Naify.
- Messas, G. P. (2004). *Psicopatologia e transformação: um esboço fenômeno-estrutural*. São Paulo, SP. Casa do Psicólogo.
- Nietzsche, F. (2004). *Genealogia da moral*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Sêneca (2014). *Sobre a ira. Sobre a tranquilidade da alma*. São Paulo, SP: Penguin Companhia.
- Sloterdijk, P. (2012). *Ira e tempo: ensaio político-psicológico*. São Paulo, SP: Estação Liberdade.
- Smith, Q. (1986). *The felt meanings of the world: a metaphysics of feeling*. West Lafayette: Purdue University Press.
- Stanghellini, G., & Rosfort, R. (2013). *Emotions and personhood*. Oxford: Oxford University Press.

- Veggetti, M. (1994). O homem e os deuses. In Vernant, J-P. dir. *O homem grego* (pp. 229-253). Lisboa, Portugal: Presença.
- Vernant, J.P. (1998). *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Wieger, L. (1965). *Chinese Characters*. New York: Dover Publications.
- Wolff, P.H. (1969). The natural history of crying and other vocalizations in early infancy. In Foss B. (Ed.), *Determinants of infants behavior* (IV) (pp. 81-109). London: Methuen.